

UNIVERSIDADE TIRADENTES

PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO

**PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES
FREIRE**

MARIA ELIANE DE MOURA

**ARACAJU
AGOSTO, 2005**

MARIA ELIANE DE MOURA

**O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior da Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT), como requisito parcial para obtenção do Certificado e Registro Profissional equivalentes à Licenciatura Plena em Arte/Educação sob orientação do Professor Especialista Valério da Luz Oliveira.

ARACAJU

2005

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

O TCP intitulado **O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE**, elaborado por MARIA ELIANE DE MOURA, é APROVADA com nota 9,5 (nove e meio), em 25 de agosto de 2005.

AVALIAÇÃO:

**ORIENTAÇÃO DE TCP:
NOTA = 10,0 (dez)**

**PESQUISA EM EDUCAÇÃO III:
NOTA 1 = 9,0 (nove)
NOTA 2 = 9,0 (nove)
MÉDIA = 9,0 (nove)**

MÉDIA FINAL DO TCP = 9,5 (nove e meio)

Professor Especialista Valério da Luz Oliveira

Professora Mestre Maria José de Azevedo Araújo

**ARACAJU
2005**

Ficha Catalográfica: Crisales de Almeida Meneses
CRB-5/1211

M929e

Moura, Maria Eliane de

O ensino de arte/educação na Escola Estadual Professora Ofenísia

Soares Freire / Maria Eliane de Moura ; orientação [de] Valério da Luz

Oliveira. – Aracaju, 2005.

35 p.

Inclui bibliografias e anexos

CANÇÃO PARA OS FONEMAS DA ALEGRIA*

*Peço licença para algumas coisas
Primeiramente para desfraldar
Este canto de amor publicamente
Sucedem que só sei dizer amor
Quando reparto o ramo azul de estrelas
Que em meu peito floresce de menino.
Peço licença para soletrar,
No alfabeto do sol pernambucano,
A palavra ti-jo-lo, por exemplo,
E pode ver que dentro dela vivem
Paredes, aconchegos e janela,
E descobrir que todos os fonemas
São mágicos sinais que vão se abrindo
Constelação de girassóis gerando
Em círculos de amor que de repente
Estalam como flor no chão de casa.
Às vezes nem há casa: é só chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
Diferente, que acaba de nascer:
Porque unindo pedaços de palavras
Aos poucos vai unindo argila e orvalho,
Tristeza e pão, cambão e beija-flor.
E acaba por unir a própria vida
No seu peito partida e repartida
Quando afinal descobre um clarão
Que o mundo é seu também, que o seu trabalho
Não é a pena que paga por ser homem,
Mas um modo de amar – e de ajudar
O mundo a ser melhor. Peço licença
Para avisar que, ao gosto de Jesus,
Este homem renascido é um homem novo:
Ele atravessa os campos espalhados
A boa – nova, e chama os companheiros
A pelejar no limpo, frente a frente,
Contra o bicho de quatrocentos anos,
Mas cujo fel espesso não resiste
A quarenta horas de total ternura.
Peço licença para terminar
Soletrando a canção de rebeldia
Que existe nos fonemas da alegria:
Nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

*Santiago do Chile,
Verão de 1964.*

* MELLO, Tiago de. Faz escuro mas eu canto: porque amanhã vai chegar. In Poesias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

AGRADECIMENTOS

À Maria Alaíde de Moura.

Minha mãe.

A quem devo a vida, minha educação e formação profissional.

A José Rosa Sobrinho.

Meu Marido.

Pelo amor e compreensão atribuídos.

A Joana Leonor de Moura Rosa e João Paulo de Moura Rosa.

Meus filhos.

A quem muito quero.

Aos Professores, em especial ao professor Valério da Luz Oliveira e Maria José de Azevedo Araújo, ao Campo de Estágio, aos Alunos.

Pelo muito que me ensinaram.

Aos Amigos.

Que compreenderam o espírito de luta.

MOURA, Maria Eliane. **O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE**. Aracaju(Se): PROFOPE/UNIT, 2001. (Trabalho de Conclusão de Curso).

RESUMO

O ensino de Arte/Educação criado a partir da realidade da sala de aula tem a responsabilidade e a obrigação de mobilizar a sala de aula de forma participativa de modo que estabeleça interações professor – aluno – conhecimento e aluno – aluno. O ensino de Arte/Educação tem a intenção de ensejar a participação do aluno da 7ª série do Ensino Fundamental, na definição do seu próprio perfil. A atividade inicial cuja temática foi a preferência dos alunos pelos brinquedos e brincadeiras populares de modo a permitir-lhes manifestar seus gostos, simpatias e diversões. Num contexto de liberdade dirigida, os alunos foram incentivados a registrar em um cartaz a sua preferência. Com o andamento da pesquisa-ação percebeu-se que as ações desenvolvidas com base em atividades lúdicas estimularam os alunos e professor a desvendar os conceitos e a superar a mera utilização do livro didático em sala de aula. O ensino de Arte/Educação foi capaz de vizibilizar que a escola não é vista pelo aluno como um prolongamento do lar e que o aluno inserido na unidade escolar é influenciado pela ideologia reificada de que a escola é o lugar de um estudo sistematizado unicamente voltado para a escrita e a leitura. A cultura tradicional da família exerce grande poder nas ações dos alunos estabelecendo diferenciações de comportamento. Os alunos do sexo masculino estão mais dispostos a contrariarem as normas estabelecidas, a viverem mais soltos (brincar na rua: jogar bola, empinar pipa...). As meninas vivem mais sob a vigilância dos costumes estabelecidos pelos laços culturais tradicionais da família como prova as afirmativas das preferências por brincadeiras (ler, brincar com bonecas, conversar com as colegas...). A partir dessa experiência de ensino, espera-se que haja continuidade para que seja possível repensar a prática pedagógica.

PALAVRAS CHAVES: Aprendizagem; Arte, Ensino, Pesquisa-ação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 A ARTE/EDUCAÇÃO NO ENSINO BRASILEIRO.....	14
2.1 Caracterização da área de arte.....	14
2.2 A arte e a educação.....	15
2.3 Histórico do ensino de arte no Brasil.....	17
2.4 Regência de classe	20
3 O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICES E/OU ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Há exatamente 150 anos, completados neste 17 de março (2005), uma resolução da Assembléia Provincial elevava o “povoado de Santo Antônio do Aracaju” à categoria de cidade e transferia para ele a capital da Província, até então situada na cidade de São Cristóvão, desde os primórdios do século XVII.

A cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, tem o privilégio de estar localizada no litoral nordestino do Brasil e ser banhada pelos rios Vaza-Barris e Sergipe. Sua fundação ocorreu inversamente ao convencional. Ou seja, não surgiu de forma espontânea, foi planejada especialmente para ser a sede do Governo do Estado. Seu nome é de origem tupi, e, segundo estudiosos da língua indígena, significa cajueiro dos papagaios.

O campo de estágio para a execução da prática e pesquisa-ação foi a Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire, situada à Rua “M”, 195 – Conjunto Augusto Franco, Bairro Farolândia – Aracaju/Sergipe, CEP.: 49030-100, zona urbana da cidade. Fundada em 10 de maio de 1982, escola estadual, funciona em prédio próprio. A Escola oferece Ensino regular: Ensino Fundamental da 5ª a 8ª série no horário da manhã (07:00 às 11:40) e tarde (13:00 às 17:40) com um total de 565 alunos, faixa etária: 11 aos 18 anos. Ensino fundamental de Jovens e Adultos (EJAEF) 5ª a 8ª série no horário da noite (19:00 às 22:40) dividido em quatro etapas, com duração de dois anos (quatro semestres); com um total de 436 alunos, faixa etária: 17 anos aos 43 anos. Ensino Médio de Jovens e Adultos (EJAEM) 1º ao 3º ano, no horário da noite (19:00 às 22:40) também dividido em três etapas, com duração de um ano e meio (três semestres), com um total de 221 alunos, na faixa etária: 22 anos aos 53 anos. Total de alunos matriculados na escola: 1222.

A nossa formação é na área de Serviço Social (Assistente Social), começamos a trabalhar na área de educação em 1985, na função de professora, no Colégio Estadual Francisco Rosa, lecionando Educação Artística no Ensino Regular Fundamental (5ª à 8ª série), noturno e Ensino Médio (Científico 1º ao 3º ano), também noturno. Atualmente leciono História, Sociedade e Cultura e Arte/Educação no Ensino Regular Fundamental (5ª a 8ª série) diurno e Ensino de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental (EJAEF), 3ª Etapa, correspondente a 7ª série do Ensino Fundamental, noturno.

Uma das dificuldades é incluir no cotidiano da sala de aula, a Arte com um papel importante entre os alunos, e este projeto corresponder as expectativas e necessidades de aprendizagem, pois, através desta disciplina podemos desenvolver a percepção dos alunos, e partindo desse pressuposto interligar as relações entre Arte/Educação como medida e discussão desta disciplina fazendo crescer o interesse e o envolvimento em sala de aula. É isso que pretendemos com o projeto – “O Ensino de Arte/Educação na Escola Professora Ofenísia Soares Freire”, oferecer aos alunos a capacidade e a consciência de desenvolver uma reflexão sobre seus talentos e suas potencialidades, fazendo com que os mesmos percebam a disciplina Arte/Educação como parte integrante do currículo escolar e que os conhecimentos adquiridos em sala de aula tenham aplicação prática em suas vidas e, assim contribuir de forma eficaz para o desenvolvimento da disciplina voltada para o ensino e a aprendizagem. Justifica-se a presente pesquisa-ação pelo fato de que ela poderá contribuir para a mudança das interações: aprendizagem, informação, envolvimento, disciplina, considerados como fundamentais em sala de aula. Não desconsiderando a importância do tripé: professor – aluno – conhecimento.

Diante da realidade e o cotidiano/rotina dos alunos em relação as aulas de Arte/Educação, faz-se necessário um trabalho diferenciado, e no caso, optamos por trabalhar O Ensino de Arte, tendo como objetivo a conscientização da comunidade escolar em relação a importância do estudo/conhecimento da Arte/Educação evidenciando a complexidade dos problemas do cotidiano através da produção de um conhecimento útil a coletividade. Produzindo um conhecimento da práxis institucional,

possibilitando aos sujeitos o saber mais aprofundado e uma ação mais efetiva sobre a realidade. Para isso se faz necessário especificar um conjunto de medidas que serão tomadas, dentre elas, podemos citar: Elaborar, em conjunto com os integrantes da Escola um diagnóstico da situação do estudo de Arte/Educação na Escola; identificar alternativas de intervenção na prática pedagógica através da pesquisa-ação; desencadear um movimento para que a Escola construa e/ou avalie o seu planejamento em Arte/Educação; promover um seminário envolvendo a comunidade escolar.

Segundo o dicionário Aurélio (1996 p.60.): Arte é o “conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa; atividade criativa; artifício; ofício; profissão; astúcia; habilidade”. Isso nos leva a acreditar que artista não é só quem faz arte, mas também quem a aprecia. Podemos assim dizer, que uma pessoa que aprecia arte tem “alma de artista”. Partindo desse pressuposto é que nos questionamos quanto a importância da Arte/Educação no currículo escolar e nos colocamos as dificuldades encontradas, tais como: O que é Arte/educação? Como trabalhar Arte/educação? Quais materiais podem ser utilizados? Quais as habilidades a serem utilizadas? Como trabalhar Arte/educação? Acreditamos que o processo de crescimento pode se dar através de uma escola que acredite que a História é construída pelos homens. E que esse homem é agente da formação de todas as coisas. Mas se a Escola não proporciona espaço para o exercício desse processo resta-nos contrapor ao modelo mecanicista um outro modelo de construção do saber: a forma participativa, surpreendente e criativa de se estabelecer contatos com o mundo.

A metodologia aplicada nas aulas de Arte na Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire, baseou-se na integração do grupo através de exercícios de sensibilização, nas atividades de sala e na avaliação dos resultados para estruturação de novas propostas. Baseou-se também, na exploração do material a ser trabalhado, na sua combinação com outros, no trabalho individual como ponte para o trabalho em grupo, na elaboração e execução de oficinas. Através de métodos participativos, foram valorizados a importância da pesquisa, observação, registro e síntese das atividades em arte, a metodologia empregada proporcionou espaços para a construção de práticas e saberes, levando-se em conta o sujeito da ação e a valorização de suas experiências.

Concluído o Estágio do Programa Especial de Formação Pedagógica da Universidade Tiradentes (PROFOPE), sob a orientação das disciplinas Pesquisa em Educação III e Prática Pedagógica Supervisionada III, foram sistematizadas as experiências na forma de Trabalho de Conclusão de Programa para efeito de comunicação acadêmica e preenchimento de requisito parcial para conclusão do referido programa, assim como para contribuir nas discussões sobre: O Ensino de Arte/Educação na Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire, a partir de vivências concretas, apesar de modestas.

O primeiro pressuposto deste Trabalho é que a educação é uma prática social, portanto humana, que assume importância crescente na contemporaneidade em face do avanço do conhecimento produzido enquanto área de conhecimento. Assim, ao retornar à escola na condição de estagiário, outra já era a reflexão do cursista do programa em torno da prática pedagógica desenvolvida através das contribuições do PROFOPE e de uma revisão da literatura, fundamentando cientificamente a análise da realidade, a construção do objeto de estudo e a elaboração de propostas ou sugestões. Desse modo, o trabalho foi iniciado sob um comando teórico, sistematizado no projeto de pesquisa, no plano temático e plano de ensino.

O objeto de estudo (re)construído durante o Estágio foi o conjunto das interações/representações, que se dão no cotidiano da sala de aula, entendido como ponto de partida do processo participativo de elaboração/execução/avaliação do ensino de Arte/educação de uma escola que trabalha com o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série).

A prática de ensino e o estágio do Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma Superior (PROFOPE), foram desenvolvidas sob duas vertentes: a primeira na forma de pesquisa, tendo como tema: O ensino da arte/educação na Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire; a segunda vertente foi a regência de classe através do estágio, cujo eixo temático foi “Brincadeiras e brinquedos populares infantis”.

Emerge hoje, não só pelo grau de conscientização dos educadores e administradores da educação brasileira, mais pelas exigências legais, incluindo-se as disposições mandatárias das Diretrizes Curriculares Nacionais para os diferentes níveis ou modalidades de ensino, ao lado das orientações dos Referenciais ou Parâmetros Curriculares Nacionais – 1997, tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. E isso significa dizer que a área de arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades.

Educação sempre implica em transformação das partes. Mas em um tempo de ingenuidade perdida, como diria ECO (1997), o novo não seria apenas afirmar o aprendido, a transformação mútua das partes envolvidas. Considerando que uma proposta educativa não cai em um espaço vazio de relações sociais, o mais importante seria, considerar também as possíveis surpresas decorrentes do processo educativo.

É nesse contexto que se justifica o presente Trabalho que relata a pesquisa e a experiência em sala de aula, vivenciadas durante o estágio e a prática de ensino do PROFOPE/UNIT; pelo fato de que ela poderá contribuir para a reflexão sobre a possibilidade de mudança das interações fundamentais em sala de aula: professor – aluno – conhecimento, na escola campo de estágio.

É importante ressaltar ainda que, num processo educativo que se propõe transformador, os objetivos de ensino precisam estar voltados eminentemente para a reelaboração e produção de conhecimento. Para tanto deverão expressar ações, tais como: a reflexão crítica, a curiosidade científica, a investigação e a criatividade.

Os objetivos da prática vivenciada e ora relatada foram: buscar um rumo, uma direção; satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, aprimorando o fazer educacional; possibilitar permanente reflexão e discussão sobre o ensino de Arte/Educação na busca de alternativas viáveis; estabelecer uma relação dialética entre o protagonista da prática pedagógica escolar e o objeto da pesquisa; analisar, dialeticamente, o contexto interno e externo da escola, detendo-se especialmente nas

interações desenvolvidas no espaço da sala de aula; realizar estudos, esclarecimentos e troca de experiências - planejamento socializado - possibilitando o intercâmbio entre os educadores.

Para relatar a pesquisa-ação desenvolvida e a regência de classe vivenciada, o Trabalho de Conclusão de Programa está estruturado em três capítulos: Introdução são mencionados as hipóteses de trabalho, com suas variáveis, evidenciando sua pertinência em relação aos objetivos da pesquisa e do estágio desenvolvidos na escola campo de estágio. No segundo capítulo estão analisados os resultados obtidos, os dados coletados, interpretados à luz das hipóteses e dos objetivos da pesquisa e do plano de ensino. No terceiro capítulo é apresentada a análise dos resultados do estudo validando as hipóteses de trabalho e respondendo às questões norteadoras. Finalmente, na forma de conclusão, são expostas considerações finais sobre o tema a partir das constatações da investigação.

2 A ARTE/EDUCAÇÃO NO ENSINO BRASILEIRO

2.1 Caracterização da área de arte

O referencial teórico que orientou a pesquisa ora exposta foi construído em torno dos objetivos propostos, considerando inclusive a legislação vigente e sua evolução.

O desenvolvimento integral e harmônico em Arte favorece o crescimento artístico que caracteriza um modo peculiar de dar nexos às experiências das pessoas: por meio dele, o estudante desenvolve a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. O conhecimento em arte envolve, principalmente, fazer trabalhos artísticos, gostar e pensar sobre. Abrange, também, ter noção e refletir sobre as formas da natureza e sobre as criações artísticas individuais e coletivas de diferentes culturas e épocas.

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais - 1997, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

A educação em arte favorece o crescimento das idéias e da estética, que evidencia um modo próprio de dispor e dar razão à experiência humana: o educando aumenta sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao executar formas artísticas quanto no ato de avaliar e conhecer as formas criadas por ele e pelos companheiros, pela natureza e nas diferentes culturas.

A área de Arte também leva o aluno a estabelecer um relacionamento criativo com as outras disciplinas da grade curricular, pois, ele pode estabelecer analogias mais profundas quando analisa um determinado período histórico. Um aluno que põe em ação sua criatividade estará mais capaz de estruturar um texto, a desenvolver habilidades pessoais para solucionar um problema de matemática.

2.2 A arte e a educação

Desde o princípio do estudo da história da humanidade a arte em todo o tempo esteve presente na constituição cultural de todas as sociedades. O ser humano que fez os primeiros desenhos em uma caverna teve que conhecer sua função. E, do mesmo modo, transmitiu para alguém o que aprendeu. Assim conhecimentos e aprendizado da arte fazem parte, de um tratado com normas e valores instituídos em cada meio cultural, da vivência que abrange a produção artística em todos os tempos. Entretanto, a área que trata de educação escolar em artes tem um trajeto recente e coincide com as mudanças educacionais que caracterizaram o século XX.

As transformações que mudaram o foco de atenção da educação tradicional, concentrado na propagação de assuntos didáticos, para a realização da aprendizagem do educando também aconteceu no campo do ensino de Arte.

As investigações desenvolvidas a partir dos anos 20, em diversos campos das ciências humanas trouxeram dados interessantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre as técnicas criadoras, sobre a arte de outras culturas. No encontro da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das inclinações estéticas da contemporaneidade surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança. Tais fundamentos admitiam a arte da criança como expressão espontânea: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para experiência artística como impulso que objetivava o crescimento criador, eram propostas localizadas na questão do aluno.

É interessante salientar que tais tendências trouxeram uma colaboração evidente no sentido da valorização da criatividade da criança, o que não acontecia na escola tradicional. Porém o início revolucionário que advoga a todos, independente de capacidade específica, a necessidade e a talento da manifestação artística foi aos poucos sendo incluídos em palavras de ordem como por exemplo, “o que importa é o processo criador da criança e não o produto que realiza” e “aprender a fazer, fazendo”; estes e

muitos outros lemas foram empregados mecanicamente nos estabelecimentos de ensino, gerando deturpações na concepção original, o que resultou na vulgarização do “deixar fazer” – ou seja, deixa a criança fazer arte, sem nenhum tipo de intervenção.

Ao professor, designava-se uma função cada vez mais sem importância. A ele não cabia ensinar nada e a arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, pelo risco da influência que poderia manchar a “original e livre expressividade infantil”.

O primeiro momento da livre expressão enraizou-se e propagou-se pelos estabelecimentos de ensino seguido pela indispensável definição de criatividade, estranho fenômeno de unanimidade pedagógica, presença imposta em qualquer planejamento, sem que parecesse indispensável explicar o que esse termo queria dizer.

A finalidade básica era o de tornar mais fácil o crescimento criativo da criança. Entretanto, o que se desencadeou como consequência do emprego indistinto de idéias vagas e inexatas sobre a função da educação artística foi uma descaracterização da área. Tal estrutura conceitual foi perdendo a razão, principalmente para os alunos. Além disso, muitas das finalidades incluídas nos planejamentos da disciplina de Arte poderiam compor outras disciplinas do currículo, como por exemplo, aumentar a criatividade, a sensibilidade, o autocontrole, etc.

No começo da década de 60, foram lançados os fundamentos para uma nova mudança de foco dentro do ensino de Arte, discutindo principalmente a concepção do desenvolvimento natural da manifestação artística da criança e procurando explicar a contribuição peculiar da arte para a educação do ser humano.

O pensamento que instalou uma nova tendência cuja finalidade era precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, articulou-se um duplo movimento: de um lado, um novo exame da livre expressão; de outro, a indagação da essência da arte como forma de conhecimento.

No início dos anos 70, autores (E. B. Feldmam, Thomas Munro e Ellio Eisner, ancorados em John Dewey, trataram das mudanças conceituais desse período), responsáveis pela mudança de direção do ensino de Arte nos Estados Unidos, declararam que o desenvolvimento artístico é a consequência de formas complicadas de aprendizado e, por conseguinte não acontece automaticamente a proporção que a criança cresce; é trabalho do professor favorecer essa aprendizagem por meio da instrução. Conforme esses autores, a capacidade artística se expande por meio de discussões que se apresentam a criança no transcorrer de suas experiências de procurar meios para mudar concepções, sentimentos e imagens num objeto material. Essa ação pode ser impulsionada pelo professor e nisso firma-se sua colaboração para a educação da criança no campo da arte.

Atualmente, professores se inquietam em dar respostas a indagações essenciais que norteiam sua aplicação pedagógica: “Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?” “Qual a função da arte na sociedade?” “Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?” “Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?” e “Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?”.

O ensino de Arte a partir desses questionamentos criaram uma situação para se estabelecer um panorama de informações conceituais consistentes dentro do currículo escolar, focalizando a especificidade da área e determinando seus contornos com fundamentos nas características inerentes a criação artísticas.

2.3 Histórico do ensino de arte no Brasil

Ao readquirir, ainda que, por pouco tempo, a história do ensino de Arte em nosso País, pode-se notar a incorporação de diversas tendências quanto aos seus

objetivos, à formação e desempenho dos professores, contudo, principalmente quanto às políticas educacionais e os pontos de vistas filosóficos, pedagógicos e estéticos.

A transmissão de conhecimento em Arte é reconhecido pelo aspecto humanista e filosófico que demarcou as tendências tradicionalistas e escolanovistas. Ainda que, ambas se contraponham em propostas, maneira de ordenar o entendimento dos papéis do professor e do aluno, ficam claro as influencias que exerceram nas ações escolares de Arte. Essas tendências adquiriram teor desde o começo do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas dos professores de Arte.

Em meados do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos projetos pedagógicos das escolas primárias e secundárias, reunindo o conhecimento na propagação de modelos de culturas hegemônicas. Na escola tradicional, valoriza-se essencialmente as capacidades manuais, os hábitos de organização e exatidão, mostrando ao mesmo tempo um aspecto utilitarista e contíguo da arte. Os professores exercem suas atividades com treinamentos e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte é voltado fundamentalmente para o controle técnico, mais localizado no professor.; cabendo a ele transferir aos educandos os conjuntos de regras, conceitos e hierarquias, unindo-os a padrões estéticos que variem de linguagem para linguagem, mas, que tem em comum, sempre, a reprodução de modelos.

A disciplina Desenho, apresentada sob a forma de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho pedagógico, era levada em conta mais por seu ponto de vista funcional do que uma prática em arte; ou seja, todas as orientações e informações objetivando uma ação instantânea e qualificação para o trabalho.

As atividades de teatro e dança só são admitidas quando fazem parte das comemorações escolares, nas solenidades especiais, como: Natal, Páscoa, Independência e outros. A arte cênica é tratada com um único objetivo: a ação da

apresentação. Os alunos decoram os textos e os movimentos cênicos eram delimitados com severidade extrema.

Em Música, a escola tradicionalista apresentou o Canto Orfeônico, plano preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos nos anos 30. Esse plano foi uma referência para a época, pois, tinha como objetivo levar o ensino da arte musical as escolas de todo o País. O Canto Orfeônico propaga a concepção de coletividade e patriotismo. Após três décadas de aplicação em todo o País, o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961.

Entre as décadas de 20 e 70, os estabelecimentos de ensino do Brasil, tiveram outras práticas no campo da transmissão de conhecimento e aprendizado de arte, apoiado pela estética modernista e com fundamento na tendência escolanovista. A transmissão de conhecimento de Arte volta-se para o crescimento espontâneo da criança, centrado no ponto de vista das suas necessidades e desejo, valorizando suas formas de manifestações e de entendimento global. As teoria pedagógicas, que eram direcionadas, com destaque na repetição de modelos e no professor são redimensionadas, desarticulando-se a ênfase para os seguimentos de desenvolvimento do educando e sua criatividade.

As aulas de Desenho e Artes plásticas tomam sobre si idéias de cunho mais expressivo, procurando a naturalidade e valorizando o crescimento do educando. O campo de ação de artes plásticas mostram-se como espaço inventivo, independente e descobertas, baseando-se em primeiro lugar na auto-expressão dos alunos.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação artística. Em 1988, com a promulgação da Constituição, começam as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria aprovada apenas em 20 de dezembro de 1996. Com a Lei Nº 9394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada

obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Artigo 26 § 2º).

Nota-se que o nível de percepção profissional que prevaleceu no começo do movimento Arte/Educação evoluiu-se para o debate que produziram idéias e novas metodologias para a transmissão de conhecimentos de arte nos estabelecimentos de ensino. É neste panorama que se chega aos anos 90, movimentando novas tendências curriculares em Arte, pensando no futuro. São traços peculiares desse novo marco curricular as reivindicações de reconhecer como próprio a área por Arte e não mais por Educação Artística e de inserir na organização curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. Destaca-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica.

“A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos”.
(BARBOSA, 1975. P.113)

As idéias de integração entre o fazer, a apreciação e a contextualização artística são indicações da “Proposta Triangular para o Ensino da Arte”, criada por Ana Mae Barbosa.

2.4 Regência de classe

O eixo do planejamento de ensino desenvolvido e avaliado na Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire foi: Brinquedos e Brincadeiras populares infantis, visando desencadear o processo de autodefinição do perfil dos alunos.

Conforme FERREIRA (1996) etimologicamente, brincar vem de brinco + ar; brinco vem do latim vinclu/vinculum, laço, através das formas vinclu, vincru, vrinco. Brincar é, portanto, nessa perspectiva, uma atitude, um gesto de ligação ou vínculo com algo em si mesmo e com o outro, como descreve CUNHA (1991).

Nota-se, no dia-a-dia da sala de aula, uma grande dificuldade dos adolescentes em ter como atividade brincadeiras. Em determinados momentos, porém, adolescentes manifestam curiosidade em aderir a qualquer tipo de jogo e/ou brincadeira, desde que vejam alguma razão ao que estão fazendo.

Sabe-se que o adolescente passa por um período de sua vida extremamente complicado, duvidoso. O que foi organizado no estado em que se era criança, passa para um novo estado de luta, insegurança e comparação de valores.

A faculdade de entender a vida humana em períodos diferentes como: infância, juventude, maturidade e velhice não é puramente de ordem biológica. Em nossa sociedade, a juventude – fase que inclui a adolescência e que se prolonga dos 11/12 ao 18 anos de idade, só veio a ser visto como classe no início do século XX. A partir de então, ela vem se organizando numa “invenção social institucionalizada”, e nos últimos tempos, foi produzido um ideário de adolescência.

Ao mesmo tempo, veio à tona um mercado que guia suas ações e produtos – programa de televisão, revistas, vocabulário, marcas e etiquetas de roupa, grupos de música, jogos eletrônicos, esporte, etc – conforme com esse ideário, que se criou um conjunto de conhecimentos juvenis para apoiar, contabilizar, tornar obrigatório e legalizar um grupo de valores relativo à sociedade e produtos. Forçado por esses valores, pelas alterações internas, pelo reconhecimento infantil e sua iminente exigência de se tornar livre delas, o adolescente se vê num abismo existencial. : por uma parte é levado em conta – e se acha grande para estar envolvido em atividades outorgadas a criança; por outra, não pode tomar sobre si as obrigações de adulto. Descobrimo-se então nesse rebordo, ele se dedica as associações de convivência e aos locais onde possa

ser reconhecido como indivíduo que precisa de consideração, de direito e informações para se organizar como indivíduo. E, em meio a essa luta, há uma ausência daquilo em que vinha dando crédito, alterando e/ou transformando a sua ligação com os jogos, brincadeiras e brinquedos.

A idéia de adolescência que se têm está assinalada pela imagem social que dela se faz, da mesma maneira como são organizadas socialmente as idéias em volta do assunto brincadeiras e brinquedos.

No campo das análises sobre o brincar, Huizinga (1993) e Callois (1990) propuseram alguns traços peculiares para o reconhecimento dessa manifestação: atividade voluntária, delimitada no tempo e no espaço, incerta, improdutiva, com regras acordadas a serem seguidas obrigatoriamente e imbuídas de conteúdos imaginário e fictício. Adicione as essas peculiaridades a intencionalidade, a significação, o simbólico, a consciência e o rito. A intencionalidade é o sentido que o adolescente dá à brincadeira; o simbólico dá-se através dos gestos ou fala das próprias relações de quem brinca. Para Huizinga (1993) “(...) o jogo transcende às necessidades imediatos da vida; todo jogo significa alguma coisa (...)” (p.4). A consciência é o estar presente no instante da brincadeira, é saber que se está brincando.

O brincar também é uma ação de estar aprendendo, selecionando, destroçando e recriando. Nesse ponto de vista, o procedimento lúdico de quem brinca não é de simples satisfação e de alegria. É um viver a concentração das opções, dos extremos, do criar e recriar das ações e invenções em que o brincante pratica o autocontrole, a diferença, a união e a desunião.

Para existir o brincar é necessário haver alguém que brinca, um “objeto”, um momento e um período nos quais é efetuado esse ato e, no caso do ato em associações, as aspirações e resoluções dos indivíduos envolvidos. Brincando, busca-se algo em si mesmo e na relação com o outro, dando um sentido, uma intencionalidade aquilo que se faz. Em todo ato dessa natureza há combinações de procedimentos, de

tempo, de espaço. Essas combinações são dotadas de um processo de funcionamento de regras da ação lúdica, regra pela qual o indivíduo (re)significa uma realidade, modificando-a ou não, alternando ou firmando alguma coisa em si próprio ou algo assumido pelo conjunto de pessoas envolvidas, sempre em relação ao “faz de conta”. O lúdico, de acordo com Huizinga, é o campo da “ilusão” e da “simulação”. (1993), p.14).

A alegria, conectado ao entretenimento, é uma dos principais traços peculiares, encontrados nas brincadeiras dos adolescentes e que está familiarizado com o “não fazer nada”. Para muitos adolescentes, o brincar ocorre no momento em que não há nada para se fazer ou nas horas em que está com desejo de brincar, existindo uma coerência entre a satisfação e o entretenimento.

A zombaria é um traço peculiar, analisada não diretamente: alguns adolescentes usam o brincar no mesmo padrão de estar caçoando ou troçando. Existem vários gestos que representam a ridicularização e não zombaria.

O desafio é outro traço peculiar encontrado nos brinquedos e brincadeiras dos adolescentes. Poder afrontar as complicações do brinquedo e conseguir executá-los, transpondo com habilidade, é afirmar-se hábil, o que outorga certa influência ao sujeito. Esses desafios são organizados por regras, e ao executá-las os adolescentes experimentam os limites do conjunto, do outro e de si mesmo. Se a vida no dia-a-dia não lhes apresenta isso, os adolescentes apresentarão propostas a si mesmos, seja em jogos de competição, seja na provocação à autoridade.

No fazer amigos, a brincadeira converte-se em mediadora das ligações de afeição, facultando o descobrimento e a ação recíproca entre os brincantes. Nas disputas e nas atividades de cooperação ou de constituir equipe, os laços de afeto tendem a ser formada em proveito de um determinado objetivo. Brincando, o adolescente firma um vínculo diferenciado com as pessoas, pois “quem brinca relaciona-se melhor com os outros”. Para um grande número de adolescentes um dos principais traços peculiares do brincar é que ele pode facilitar as relações com os amigos.

Se por um lado, há pontos de vistas que indicam para a adesão do adolescente às brincadeiras, por outro, há fatores que o impedem de brincar como o pudor, a censura dos outros, a auto – imagem, as opiniões e representações sociais de adolescência e certas brincadeiras. O pudor e a censura dos outros são os fatores mais analisados e apontados pelos adolescentes. Há também um instante de transformação na vida dos adolescentes em que os valores do mundo infantil vão se tornando algo a ser abandonados, gerando lutas internas no sujeito adolescente.

A adolescência, mesmo sendo um espaço muito pesquisado, ainda é em nossa sociedade uma grande incógnita. Em seus caminhos estão ocultos grande numero de nossas apreensões existenciais.

Por fim, brincar tem para o adolescente, sentidos diferenciados dos procedimentos lúdicos da infância. O estar em uma procura de identidade com senso de responsabilidade, muda as ações que vinha tendo com os brinquedos. No brincar estão presentes as peculiaridades parecidas tanto nas ações da criança e do adolescente, como de qualquer ser humano, não importando a idade que tenha. O brincar deveria estar sendo colocado constantemente em discussão e em experiência em nossas instituições, essencialmente naquelas que trabalham com adolescentes, pois, no brincar, não se conhece apenas conteúdos didáticos, aprende-se sobre a vida e a incessante luta que nela travamos.

3 O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE

Tendo como premissa que o verdadeiro ensino em uma escola é aquele que se mobiliza em sala de aula, a pesquisa-ação foi desenvolvida no contexto da própria regência de classe, assumindo a estagiária a postura de professor pesquisador.

“Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 2000, P.14)

Deste modo, as ações desenvolvidas nesse espaço privilegiado de interação professor – aluno - conhecimento e aluno-aluno, visaram sempre ensinar a participação do aluno que frequenta a 7ª série do Ensino Fundamental tanto na definição do seu próprio perfil quanto naquele que a escola deseja.

A atividade inicial teve como temática a preferência dos alunos pelos brinquedos e brincadeiras populares infantis, de modo a permitir-lhes manifestar seus gostos, simpatias e diversões. Num contexto de liberdade dirigida, os alunos foram incentivados a registrar em um cartaz coletivo essas suas preferências.

Diante do conjunto de resultados, em forma de respostas dos alunos percebe-se que ações desenvolvidas à base de atividades lúdicas estimulam professor e

aluno a desvendar os conceitos/conteúdos. Esta forma de trabalhar representa uma alternativa didática que aponta possíveis caminhos para superar a mera utilização do livro em sala de aula, conectando o ensino de uma disciplina ao de outras áreas, exercitando a interdisciplinaridade.

Segundo o Educador FREIRE em seu livro “A Pedagogia dos oprimidos”, onde é defendida a teoria de que o homem deve aprender a pronunciar a sua própria palavra e não repetir o que houve, onde o individuo se torna o criador de sua historia. Em outras palavras FREIRE se indignou contra o analfabetismo, e contra o ensino decoreba. Queria que a educação fosse uma educação para a cidadania, desde o primeiro contato com as letras.

Ficou comprovado que a escola não é vista pelo aluno como um prolongamento do lar. O aluno inserido na unidade escolar, em sua grande maioria, é influenciado pela ideologia reificada de que a escola é lugar de um estudo sistematizado e unicamente voltado para o uso da leitura, da escrita e das contas.

As brincadeiras de crianças estão vinculadas à sua própria criatividade, dando asas à imaginação criativa. A pesquisa não constatou, de forma generalizada, nem os princípios tradicionais nem os construtivistas. As práticas observadas são híbridas ou ecléticas, sem muita consciência pedagógica.

Houve alunos que expuseram seus anseios diante da brincadeira de forma original. Um outro ponto que chamou a atenção foi inclusão a da televisão como brincadeira. Ora, televisão ao que parece óbvio, inibe a criatividade da criança, retrai o pensamento, pois, condiciona aos ditames da manipulação.

Afirma-se, com base nos dados fornecidos, que os alunos do sexo masculino estão mais dispostos a seguirem as regras das famílias, a serem mais soltos no sentido da freqüência às atividades de grupos de amigos ou companheiros na rua. Jogar bola, sair e correr etc. As meninas são diferentes: elas são tratadas de modo diferenciado, do que se infere que muitas das que afirmaram taxativamente que gostavam de ler, não expressaram o seu verdadeiro gosto pelas brincadeiras e nem deram asas à criatividade.

Tem-se a expectativa de que, com a continuidade do trabalho pedagógico inovador na escola, de interação entre aluno-professor, a tendência é uma mudança significativa na postura dos alunos e no aproveitamento didático. As críticas que vão emergir apenas confirmarão que toda mudança gera um impacto e com a educação pública não poderia ser diferente já que ela (a educação) se mostra contraditória em sua essência. É também papel da crítica contribuir para o aperfeiçoamento permanente dessas interações e da metodologia do ensino através de planejamentos interdisciplinares.

Os sujeitos da pesquisa manifestaram-se com propriedade sobre os brinquedos e brincadeiras populares:

“A brincadeira não tem preço mas os brinquedos variam de preço”. (Allison, 7ª série.)

Desses resultados é possível inferir que o ensino de Arte/educação da Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire deve proporcionar, de modo programado, tais atividades, para responder às necessidades discentes. Neste sentido, uma outra relevante ação da pesquisa foi a aplicação de um questionário sobre o tema brinquedos e brincadeiras populares infantis, cujos dados obtidos seguem analisados.

São importantes trabalhos que dão asas à imaginação e deixam fluir a liberdade individual dentro do indivíduo, resgatam a cultura popular tão minada e jamais vencida pela cultura emergente. A sociedade moderna modifica o comportamento das pessoas, mas a resistência da cultura popular contra o “estupro” das suas raízes transforma-se em escudo protetor que dá margem à sua continuidade.

O jogo da amarelinha, a brincadeira do garrafão, o pula cordas, a brincadeira do queimado, o macacão, as brincadeiras de rodas, o carrinho feito de sucata (madeira, lata, garrafas de plástico e etc.), a patinete de rolimã, o jogo de bola, o jogo de gude, o fazer bolinha de sabão, o serra madeira, o perna de pau, entre outras tantas brincadeiras populares que ainda persistem no imaginário popular foram citados pelos alunos.

Pelo que foi constatado a família é o pólo da sustentação da escola. Há embutido no cotidiano da família uma educação popular que deve ser resgatada pela escola no sentido de que se dê mais atenção ao lar da criança. O trabalho foi pertinente pois confirmou que é de supra importância estender os laços de afinidade para um processo democrático de ensino.

As brincadeiras populares mais citadas foram aquelas que levam os alunos a pular, agitar-se e correr. O futebol, entre os meninos, aparece com mais insistência por ser uma diversão coletiva, barata e expressiva. A criatividade também não fica para trás. Quando uma criança cria uma boneca de pano ou de linha ela está usando a sua criatividade em prol de algo que diretamente vai lhe servir.

Diante da questão dos carrinhos feitos de sucata por parte dos meninos, também é uma exposição da criatividade para seu próprio usufruto. Foi alvissareiro este trabalho por proporcionar a emergência dos fatores de criatividade nas crianças que, como pensam muitos estudiosos a serviço da cultura dominante, massificada, o povo resiste ao consumismo capitalista.

Uma outra prática empreendida nesse repensar do ensino de arte/educação foi o Seminário.

“Seminário é a principal técnica de uma pesquisa ao redor da qual outras técnicas gravitam, desde o momento em que os pesquisadores e os interessados na pesquisa estão de acordo sobre os objetivos e os problemas a serem examinados”. (Thiollent, 1998. p.58).

Alicerçados no posicionamento de Thiollent, que serviu de subsídio teórico, realizamos um Seminário com a participação dos alunos, coordenadores da escola, professores, direção. Nesse Seminário foi ressaltada a história do São João em Aracaju/Sergipe. Tivemos como facilitadora a Professora Vânia Letícia – Professora titular da disciplina Arte/Educação da escola. O Seminário abordou o tema: Festejos Juninos em Aracaju/Sergipe. Neste Seminário, os alunos participaram efetivamente, ora através de perguntas e questionamentos, ora respondendo as perguntas da facilitadora. Os alunos apresentaram várias dúvidas no tocante aos conteúdos, a dificuldade de compreensão, a metodologia dos professores. Através da explanação do tema abordado e dos questionamentos dos alunos, verificamos as dificuldades dos mesmos em assimilar os conteúdos ministrados em sala de aula e que novas metodologias didáticas podem fazer da disciplina, da sala de aula, da escola algo motivador e comprometido com o conhecimento e a educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida”. (Paulo Freire, 1997. p.62).

O processo de desenvolvimento das atividades pontuadas, as brincadeiras e brinquedos descritas no corpo deste trabalho culminaram com a avaliação feita por todos os sujeitos envolvidos, expressando seus pontos de vista em relação ao tema trabalhado.

Os depoimentos obtidos bem como as principais características esboçadas neste trabalho servem de apoio, alicerce e justificativa para falar-se da validade das hipóteses do estudo, que nas aulas foram comprovadas, tanto pela observação direta da professora – pesquisadora em sala de aula (estagiária do PROFOPE), como também pela fundamentação teórica aqui exposta e comprovada na prática, além das declarações dos alunos, professores e equipe técnica da própria escola.

Ficou evidente que a decisão dos alunos no sentido da participação nas aulas tem relação direta com sua assiduidade e motivação, estas intimamente articuladas entre si. O partilhar das atividades realizadas só acontece quando o aluno e o professor estão profundamente interessados e motivados. Professor e alunos da 7ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire assim procederam, daí porque neste Trabalho de Conclusão de Programa encontram-se importantes subsídios para a construção e formalização do ensino de Arte/Educação.

ABRANTES (1995) considera que a proposta da utilização do lúdico, propicie um ambiente favorável ao aprendizado, pois, motiva os educandos a freqüentares as aulas, a desenvolverem prazerosamente as atividades de aprendizagem.

Mesmo que sejam interpostas oposições por parte dos pais, diretores e professores, a utilização das brincadeiras gera interesse pelo desafio, motiva igualmente professores e alunos.

Várias foram as atitudes desencadeadas desde o primeiro momento de contato com o lúdico nas aulas: alegria, tristeza, descontração, tensão, ganhar, perder, brigas, trapaças e outras, as quais oportunizaram uma avaliação reflexiva de todas elas; juntos professor e alunos, relacionaram-nas como suas vidas, extrapolando os muros da escola.

Desta forma evidencia-se que o substrato do Ensino de Arte/Educação em uma escola reside nas diversas dimensões do ser humano, não se limitando ao âmbito da racionalidade, mas, alcançando a afetividade e própria natureza física do aluno, com suas necessidades básicas e supérfluas.

Como muitas das atividades produziram bastante barulho, pelo entusiasmo causado, despertava o interesse em alunos de outras turmas, em participar daquelas atividades. Este fator é, sem dúvida, ameaçador de uma ordem instalada mas que, precisa ser subvertida. A aplicação das brincadeiras/brinquedos e demais atividades desenvolvidas, foram suscitando a efetiva participação nas aulas, pois, os alunos sentiram-se motivados, oportunizando o desenvolvimento da aprendizagem. Naturalmente que muito mais é demandado do professor para não perder o fio condutor e educativo de todo o processo.

Quando o professor sente-se diante do impasse gerado pela reflexão de querer modificar sua prática docente, discutindo e tomando consciência dos aspectos positivos e negativos do seu trabalho, é impulsionado a criar, modificar, pois todo ser humano tem em geral, essa necessidade de buscar conhecer o mundo ao seu redor e de querer transformá-lo.

Ao trabalhar com atividades lúdicas no ensino, também se propicia aos alunos liberdade para desenvolverem suas brincadeiras e brinquedos. Trata-se do incentivo à criatividade e ampla socialização na turma. Incentivar a autonomia, tanto moral quanto intelectual, é objetivo dos brinquedos e brincadeiras populares, assim como do ensino de Arte/Educação da escola contemporânea. Ao elaborarem as brincadeiras e brinquedos, os alunos decidem com quem formar seus grupos, que brincadeira elaborar, que brinquedo produzir, qual o material a utilizar, que regras estabelecer, como expor suas idéias, dentre outros aspectos já levantados.

O fator ganhar e/ou perder foi avaliado ao final de cada atividade, onde o grupo refletia e conjecturava para melhorar as estratégias nas próximas brincadeiras. Assim procedendo, estavam, pois, a exercitar o ganhar e o perder, quando consideramos que os alunos seguros podem ganhar sem ser agressivos, como também perder, sem se traumatizarem, educando-se para o enfrentamento das tarefas difíceis, das incertezas da vida, sem se abaterem com facilidade.

É necessário reforçar que, o uso dos brinquedos e brincadeiras populares não ficou apenas restrito a desenvolver conteúdos. Extrapolou-se, saiu-se da “caixa preta” da escola – quadro negro e giz, professor e alunos pularam os muros escolares quando, pelo exposto nas características e demais elementos analisados, verificou-se ser a autonomia o alicerce de todas elas, pois, o ambiente lúdico gera também possibilidades de futuros adolescentes e adultos autônomos que tenham condições morais e intelectuais de interferir de forma transformadora na sociedade heterônoma. Na verdade, pela construção das brincadeiras e brinquedos populares, o sujeito libera seu entusiasmo, interesse, iniciativa, criatividade, sendo crítico, enfim exercita a autonomia.

Foi experimentada a metodologia de ensino centrada nas brincadeiras/brinquedos, no lúdico, sem contudo excluir os momentos de sistematização, que se por um lado são mais penosos, por outro são extremamente gratificantes por responderem a questões emergentes nesse contexto e no cotidiano de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARBOSA, Ana Mãe. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975

_____. **Arte-educação: conflito/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Introduções aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez. 1995. Coleção Questões da Nossa época, v. 43.

CALLOIS. Roger. **Os jogos e os homens: a mascara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.

ECO, Humberto. **O nome da rosa**. São Paulo/SP. Nova Fronteira. 1992

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. E Maria F. de Rezende e Fusari. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende et alli. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectivas, 1993.

OLIVEIRA, Paulo Sales. **O que é brinquedo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

PARAMETROS Curriculares Nacionais: **Introdução aos parâmetros curriculares**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança – imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1990.

PEREIRA, Tadeu Eugenio. **Brincar, brinquedo, brincadeira, jogo lúdico**. In: Revista Presença Pedagógica, Editora Dimensão. Vol. 07. nº. 038. mar/abr.2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – Questionário aplicado aos alunos

APÊNDICE 02 – Gráfico: referente a pesquisa

APÊNDICE 03 – Plano temático: Brinquedos e brincadeiras populares – 7ª série do Ensino Fundamental

APÊNDICE 04 – Atividades diárias

APÊNDICE 05 – Documento fotográfico

APÊNDICE 06 – Relatório de regência: Seminário e Gincana Esportiva, Cultural e Recreativa.

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE.

APÊNDICE 01

- Questionário aplicado aos alunos

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA
OFENÍSIA SOARES FREIRE.

QUESTIONÁRIO

1º) Você sabe fazer algum brinquedo e ou brincadeira popular? Caso sua resposta seja afirmativa, quais?

2º) Cite materiais podem ser usados para elaborar e/ou produzir brinquedos e ou brincadeiras populares?

3º) Como se produz um brinquedo e ou brincadeira popular?

4º) Quanto tempo demora?

5º) Qual o custo aproximado desse brinquedo e ou brincadeira popular?

6º) Quais os brinquedos e ou brincadeiras mais utilizados por sua família, vizinhos e amigos vivenciados na infância?

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA
OFENÍSIA SOARES FREIRE

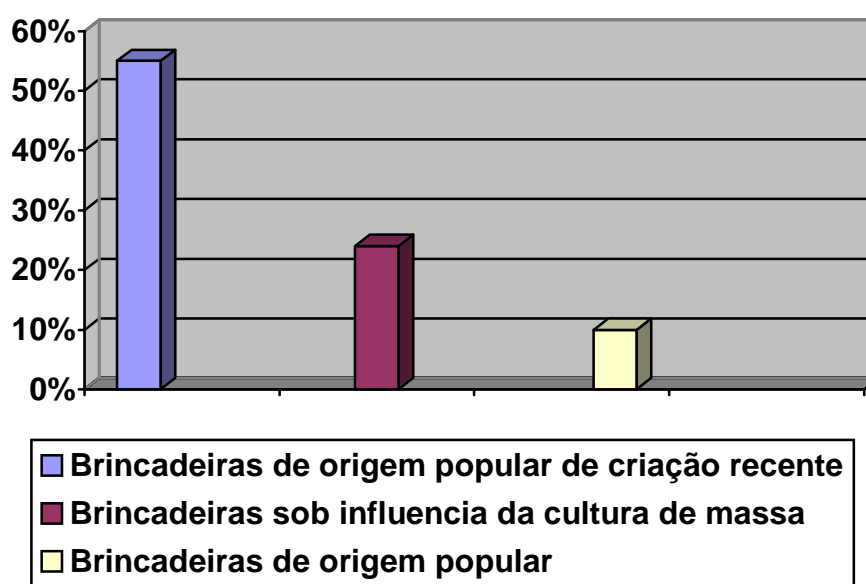
APÊNDICE 02

- Gráfico referente a pesquisa

GRÁFICO Nº 01

O gráfico abaixo informa os dados da pesquisa realizada com os alunos da 7ª série (A, B e C) da Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire sobre a preferência por brincadeiras e brinquedos populares.

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA 7ª SÉRIE TURMAS: “A, B e C” DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE, SEGUNDO AS BRINCADEIRAS/BRINQUEDOS PREFERIDOS



FONTE: Questionários aplicados durante a pesquisa

DATA: 2005

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE

APÊNDICE 03

- Plano temático: Brinquedos e brincadeiras populares

PLANO TEMÁTICO

Respeitando o conteúdo programático estabelecido pela escola, o plano temático e o plano de ensino privilegiaram como eixo a questão dos brincadeira e brinquedos populares. Assim, seguem descritos os conteúdos e atividades trabalhados durante a pesquisa e a regência de classe propriamente dita.

2.1.1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Escola Estadual Professora Ofenísia Soares Freire
- Turma: “A, B e C”
- Série: 7ª
- Nº de alunos: 78
- Professor/estagiário: Maria Eliane de Moura

2.1.2. DESCRIÇÃO DO TEMA

TÍTULO: “Brincadeiras e Brinquedos populares”

ORIGEM E IMPORTANCIA DO TEMA:

Com base em leituras, pesquisas bibliográficas e conversa com os alunos optou-se pelo tema da regência: brincadeiras e brinquedos populares.

É evidente a importância desta temática, principalmente quando se lê a Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas, no ano de 1959, que já enfatizava a importância de se ter uma infância feliz. No citado documento é ressaltado que: *“A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a Educação. A sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito.”* (Art.27)

Também fundamentam esse tema o Estatuto da Criança e do Adolescente (1989) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1998).

A inspiração desse Plano Temático reside nas experiências da pedagogia construtivista, daí porque não sugere o conhecimento pronto e etapas rígidas de aprendizado. Privilegia as ações que levam a criança a buscar construir seu próprio conhecimento. Ela deverá ser estimulada a levantar hipóteses, tirar conclusões, criticar, interpretar e criar.

QUESTÕES QUE ENVOLVEM O TEMA:

- Por que as crianças hoje estão substituindo as brincadeiras antigas pelos brinquedos industrializados?
- Como acontece a brincadeira hoje?

- Por que as crianças não constroem os seus próprios brinquedos?

2.1.3. OBJETIVOS

- Despertar o interesse da criança nas atividades pedagógicas;
- Estimular a manipulação do material didático;
- Adaptar o que se ensinam na escola as mudanças sociais e econômicas do país e do mundo.
- Promover a integração dos alunos da turma;
- Provocar uma reflexão sobre a condição de ensino em sala de aula;
- Desenvolver a capacidade crítica do aluno;
- Despertar o interesse pela pesquisa;
- Aproveitar o saber que os alunos trazem do seu dia-a-dia.
- Trabalhar os conteúdos didáticos interdisciplinarmente.

2.1.4. CONTEÚDOS

A interdisciplinaridade será o ponto fundamental do projeto “Brincadeira e brinquedos populares” desenvolvido nos componentes curriculares de: História, Geografia, Arte, Português, Ciências e Matemática.

- História e Geografia – origem e fundamento das brincadeiras e brinquedos em Sergipe, com os diversos significados que possuem.
- Artes – manifestações artísticas presentes nas brincadeiras.
- Português – atividades relacionadas ao projeto brincadeiras e brinquedos populares: produção de textos, narrativa descritiva e outros.
- Ciências – informações e experiências, descoberta dos cuidados que se deve ter com alguns brinquedos e brincadeiras.
- Matemática – geometria, operações básicas e medidas.

2.1.5. METODOLOGIA:

- a) Realização de pesquisa bibliográfica e entrevistas com os alunos, pais;
- b) Elaboração de cartazes com fatos de tarefas realizadas pela turma;
- c) Apresentação de produção de brinquedos e brincadeiras;
- d) Confeção de painéis;
- e) Desenvolvimento de Oficinas diversas.
- f) Visita a museus e biblioteca.

2.1.6. RECURSOS NECESSÁRIOS

- Humanos:
 - Alunos, professor, orientadores, pais de alunos e outros facilitadores.
- Materiais:
 - Livros, revistas, material de sucata, material de expediente e outros

2.1.7. AVALIAÇÃO:

EM RELAÇÃO AOS ALUNOS:

- A avaliação será de forma continuada dando privilégio às atividades realizadas: leitura, debate, confecção de material, atividade em grupo, cooperação, organização e outras.
- Análise das produções;
- Análise das exposições orais;
- Verificação das competências adquiridas.

EM RELAÇÃO AO TEMA:

- Avaliar as contribuições da turma para o projeto político – pedagógico da escola;
- Analisar o tema proposto, identificando causas e conseqüências;
- Trabalhar temas que ampliem o conteúdo didático programático.

2.1.8. TEMPO DE EXECUÇÃO:

05 semanas letivas.

2.1.8. BIBLIOGRAFIA:

- ALENCAR, Marcelo e Prado Ricardo. **Nada será como antes**. Revista Nova Escola. Dez, 2000.
- FUSARI, J.C.O. **Planejamento educacional e a prática dos educadores**. In: Revista Ande. SP: Cortez, 1984.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação educacional para além do autoritarismo**. Revista de Educação AEC, Brasília, abril/1986.
- MST. **Exemplo de plano de aula**. Anexo II, Cadernos de formação, nº 20, SP, 1993.
- OLIVEIRA, Alexandre Maria de. **Dinâmicas em literatura infantil**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- PEREIRA, Eugênio Tadeu. **Brincar, brinquedo, brincadeira, jogo, lúdico**. Revista Presença pedagógica. Editora Dimensão. Nº38. Mar/abr/2001.

APÊNDICE 04

- Atividades diárias

ATIVIDADES DIÁRIAS – ANO: 2004/2005

DISCIPLINA: ARTE/EDUCAÇÃO

SÉRIE: 7ª

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • A arte Impressionista • Pluralidade Cultural 	<ul style="list-style-type: none"> • A arte Impressionista • Pluralidade cultural
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva. Definição. Representantes da arte Impressionista. Leitura ativa – texto: O futuro é um brinquedo – Autor: Ziraldo • Atividade em grupo: trabalhando a pluralidade cultural – preconceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análises e reprodução da arte Impressionista. • Leitura ativa – Fábula: A raposa e o corvo • Atividade em grupo: A criatividade no papel.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • As sete artes 	<ul style="list-style-type: none"> • As sete artes.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina em grupo: usando a criatividade. • Pluralidade cultural: discriminação racial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina em grupo: usando a criatividade. • Pluralidade cultural: discriminação racial.

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • A arte brasileira – Tarsila do Amaral • Apresentação do plano temático: Brinquedos e brincadeiras populares. 	<ul style="list-style-type: none"> • A arte brasileira – Tarsila do Amaral. • Apresentação do plano temático: Brinquedos e brincadeiras populares.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva. Histórico. Explicação. • Registro em cartaz: preferências por brinquedos e brincadeiras populares infantis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva. Histórico. Explicação. • Registro em cartaz: preferências por brinquedos e brincadeiras populares infantis.
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Arte brasileira – Tarsila do Amaral 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte brasileira – Tarsila do Amaral.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e reproduções de obras de Tarsila do Amaral. • Atividade para casa: pesquisa com familiares sobre brinquedos e brincadeiras populares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análises e reproduções de obras de Tarsila do Amaral. • Atividade para casa: pesquisa com familiares sobre brinquedos e brincadeiras populares.
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Brinquedos e brincadeiras populares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Brinquedos e brincadeiras populares.

Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Oficina – atividade em grupo: confecção/produção de brincadeiras e brinquedos populares.	<ul style="list-style-type: none">• Oficina – atividade em grupo: confecção/produção de brincadeiras e brinquedos populares.
------------	--	--

APÊNDICE 05

- Documento fotográfico

Atividade em grupo – Brincadeiras de roda



Atividades em grupo - Brincadeiras



Seminário – Festejos Juninos em Aracaju/Sergipe



Atividade em grupo – Apresentação de quadrilha



Oficina em grupo – Elaboração de brincadeiras populares



Atividade em grupo – Futebol com bola de meia



Gincana: Esportiva, Cultural e Recreativa

Entrega de medalhas





APÊNDICE 06

- Relatório de Regência: Seminário e Gincana Esportiva, Cultural e Recreativa

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE

RELATÓRIO DE REGÊNCIA

UNIDADE DE ENSINO: Escola Estadual Ofenísia soares Freire

DISCIPLINA: Arte/Educação UNIDADE: II

SÉRIE: 7ª série do Ensino Fundamental

PROFESSORA/ESTAGIÁRIA: Maria Eliane de Moura

O presente relatório é uma das exigências da Disciplina Prática Supervisionada III e visa apresentar as atividades desenvolvidas, durante o estágio do curso PROFOPE da UNIT. O período de regência de classe teve início em 30 de maio de 2005 e estendeu-se até o dia 30 de junho de 2005, perfazendo um total de 60 horas de regência. Esta Unidade foi desenvolvida através de: Aulas expositivas, Seminário e Gincana Cultural/recreativa.

As aulas expositivas, foram ministradas de forma tradicional, onde a professora/estagiária explicou o conteúdo didático de forma verbal e com atividades em grupo e individual denominadas de oficinas de criatividade e de talento, onde o aluno teve a oportunidade de desenvolver suas habilidades manuais e artísticas,

alguns se destacam, outros não manifestam vontade/desejo de participarem, apesar de serem incentivados pela professora/estagiária e pelos colegas.

O planejamento da Escola para esse Bimestre/Unidade, constava de uma Gincana Cultura, Recreativa e Esportiva, cujo tema foi: 150 anos de Aracaju. Aproveitando o ensejo propomos um Seminário sobre os festejos juninos em nossa cidade (Aracaju/Se), a qual foi encaminhada a Direção da Escola e esta nos pediu para que marcássemos uma reunião com a comissão organizadora da Gincana e que lançássemos a idéia e isso foi feito e obtivemos o apoio dos professores e convidamos a professora de Arte/Educação Vânia Letícia para falar sobre os Festejos juninos em Aracaju, a professora aceitou o convite e foi definido que seria realizado antes da Gincana, pois seria mais um subsidio para as equipes que participariam da Gincana. O Seminário ocorreu em 20 de junho de 2005. Onde a facilitadora falou sobre a importância da preservação da nossa cultura, principalmente a regional e precisamente a de nossa cidade (Aracaju/Se), dando ênfase aos pontos turísticos, tais como; Rua São João – com seus campeonatos de quadrilhas; as atrações nacionais, regionais na praça do mercado, onde hoje chama-se praça de eventos Ilton Lopes – um grande incentivador da nossa cultura; e a orla que este ano oferecerá a cidade cinquenta (50) dias de forró e onde foi construído uma cidade cenográfica para dar mais realidade ao evento. Explicou a origem da dança de quadrilhas, as comidas típicas da época e de nossa região. Ao final houve um debate onde percebemos que o interesse do aluno por nossas raízes pode ser despertado de forma criativa e participativa. O Seminário teve seu término com um grande forró regado a comidas típicas.

A Gincana foi realizada em duas etapas: A primeira parte foi a esportiva em 27 de junho de 2005, no seguinte horário: 07:00 às 11:30 e 13:00 às 17:30h tendo como palco Ginásio do Sesi, localizado no conjunto Augusto Franco; A segunda parte foi a cultural/recreativa em 30 de junho de 2005, no seguinte horário: 07:00 às 11:30 e 13:00 às 19:00h que realizou-se no espaço cultural Gonzagão, localizado no conjunto Augusto Franco.

As atividades esportivas/culturais/recreativas foram realizadas em espaços fora da escola, porque a mesma não apresenta estrutura física (quadra de esporte e espaço recreativo) suficiente para o desdobramento das atividades planejadas. As atividades sofreram algumas alterações, pois, estamos trabalhando com adolescentes e isto requer flexibilidade.

No horário da manhã os representantes das equipes, compareceram ao espaço cultural Gonzagão, cujo objetivo foi o de ornamentar o espaço com bandeirinhas coloridas, bolas de assopro, faixas com os nomes das equipes, reunião para tratar dos pontos pendentes das tarefas solicitadas.

No horário da tarde deu-se o evento, que contou com a participação da maioria (90%) dos alunos, todos os professores (manhã/tarde) sem exceção, Direção, Coordenadores e Comitê pedagógico, Mães (poucas), pais (nenhum) e comunidade como convidados das equipes e/ou como expectadores.

As atividades tiveram início às 13:30, com a formação do júri, que contou com a participação de cinco (05) professores da Escola Estadual Petrônio Portela; em seguida a apresentação das equipes, na qual são quatro (04): O mal-criados, Os rebeldes, Os panteras cor de rosa e Feras divinas; dando prosseguimento foram sendo realizadas as tarefas e uma grande disputa entre os Mal-criados e Feras divinas em algumas tarefas as equipes não conseguiram realizar daí gerou discussões, xingamentos, porém foram contornados pelos membros das equipes e professores. Chegamos ao término sem contratempos dignos de nota e tivemos como Equipe Vencedora: Feras divinas. O término deu-se com a confraternização das equipes, um baile até as 19:00.

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA
OFENÍSIA SOARES FREIRE

ANEXO 01

- **Projeto: Gincana Esportiva, Cultural e Recreativa**

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE

PROJETO: GINCANA ESPORTIVA, CULTURAL E RECREATIVA

I – IDENTIFICAÇÃO:

- * Escola Estadual Ofenísia Soares Freire
- * Título do Projeto: 150 anos de Aracaju
- * Público alvo: Comunidade escolar

II – JUSTIFICATIVA

A Gincana é uma modalidade recreativa, cultural, esportiva e artística. Ela é um recurso pedagógico que serve para ampliar conhecimentos, socializar o indivíduo promovendo inclusive a redução dos índices de violência, evasão e repetência nas escolas. Visa oferecer perspectivas para o futuro do aluno, a partir da descoberta e valorização de sua criatividade, talento e habilidade.

O Projeto Gincana Cultural e Recreativa, cujo tema principal abordado será abordado os 150 anos de Aracaju, contribuirá para a socialização de conhecimentos históricos e culturais, integração e auto-confiança dos alunos, além de despertar o espírito de equipe, solidariedade, respeito mútuo e o interesse pela nossa cultura.

III – OBJETIVO GERAL

Promover um evento que de forma agradável, alegre e harmoniosa integre os alunos, professores, funcionários, direção administrativa, coordenação e comitê pedagógico e a comunidade em geral.

IV – OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Socializar informações históricas e culturais sobre os 150 de Aracaju;
- Desenvolver o espírito coletivo de competitividade do educando;
- Facilitar a socialização entre alunos, professor e equipe diretiva;
- Trabalhar a criatividade do grupo, através de tarefas recreativas, culturais e esportivas;

V – METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida pela equipe responsável pelo projeto foi a seguinte: Através de sorteio as turmas serão divididas em quatro (04) equipes e os componentes escolherão um líder que coordenará a equipe, tendo como respaldo

para dirimir questões de cunho coletivo a equipe de professores, direção e comitê pedagógico. As tarefas serão elaboradas por um grupo de professores com a colaboração de um representante de cada equipe. A apresentação das equipes dar-se-á mediante o cumprimento das tarefas realizadas e vencerá a Gincana a equipe que obtiver o maior número de pontos.

VI – METAS

- Estimular a participação de toda a comunidade escolar;
- Valorizar o trabalho em equipe – cooperação, solidariedade, participação e outros;
- Ampliação de conhecimentos sobre a história de Aracaju.

VII – AVALIAÇÃO

A avaliação será feita partindo do princípio que “é bom ganhar, porém o importante é competir”. Para isso é necessário a humildade para se trabalhar em equipe, o mutuo respeito, reconhecendo a importância da colaboração para o bom andamento do trabalho.

VIII – REGRAS GERAIS

01 – Cada equipe deverá estar concentrada no local e horário determinado para que, seja feita a chamada e suas respectivas apresentações. Caso contrário perderá cinco (05) pontos.

02 – Cada equipe deverá escolher dois representantes (líderes) que farão as apresentações das tarefas no horário determinado seguidos por aqueles que executarão as tarefas.

03 – Reclamações só poderão ser feitas após cada apresentação e pelo líder ou pelo professor da equipe por escrito, caso não seja respeitada esta cláusula a equipe perderá os pontos das tarefas que estão sendo reclamados.

04 – O tempo estipulado para cada tarefa deverá ser cumprido, caso ultrapasse o tempo preestabelecido a tarefa será dito nulo com a perda total dos pontos.

05 – A comissão julgadora será formada por pessoas que não estão envolvidas na organização da Gincana.

06 – As equipes deverão respeitar a apresentação das equipes rivais, caso vaiem ou não façam silencio perderão cinco (05) pontos, cada vez que o fato for constatado.

07 – Cada equipe deverá ter o seu “Grito de guerra”, e deverão estar no local e no horário estabelecido.

08 - Serão consideradas vencedoras as equipes que obtiverem maior número de pontos que será divulgado logo após o término da apuração dos votos.

IX – TAREFAS ESPECIAIS

1. Confeccionar no mínimo 01 (uma) e no Máximo 03 (três) faixas criativas sobre o tema da Gincana. Na faixa deverá constar o nome da escola, séries, data e local. Tarefa cumprida: 80 pontos.
2. Divulgar a gincana nos meios de comunicação: Imprensa falada e escrita. Tarefa cumprida: 80 pontos.
3. Um aluno de cada equipe deverá responder a duas (02) questões relacionada a um texto sobre os 150 anos de Aracaju. Critérios para o cumprimento desta tarefa: duas (02) questões corretas 80 pontos e uma (01) só correta 40 pontos, nenhuma questão correta zero (0) ponto.

X – TAREFAS ESPORTIVAS

1. Dama

- Cada equipe deverá indicar dois alunos para disputarem a prova;

- Esta competição será disputada em categoria única, masculino e feminino.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

2. Atletismo

- Cada equipe deverá indicar dois (02) atletas (um masculino e um feminino) para correr numa área determinada de mais ou menos 100 metros rasos.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

3. Futsal (masculino)

- Cada equipe deverá formar um time com dez (10) componentes, ou seja, cinco (05) titulares e cinco (05) reservas

- Final – vencedor da 1ª rodada x vencedor da 2ª rodada

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

4. Futsal (feminino)

- Cada equipe deverá formar um time com dez (10) componentes, ou seja, cinco (05) titulares e cinco (05) reservas

- Final – vencedor da 1ª rodada x vencedor da 2ª rodada

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

XI – TAREFAS RECREATIVA, CULTURAIS E ARTÍSTICAS

1. Cada equipe deverá decorar o ambiente com o tema: 150 anos de Aracaju.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

2. Cada equipe deverá apresentar seis (06) casais para fazer uma apresentação de quadrilha junina, tempo de duração 03 minutos.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

3. Cada equipe deverá trazer um aluno(a) caracterizado – 150 anos de Aracaju.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

4. Cada equipe deverá confeccionar uma maquete como tema: ponto turísticos de Aracaju – fazer um histórico.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

5. Cada equipe terá que escolher e apresentar uma atividade cultural relacionada aos 150 anos de Aracaju.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

6. Cada equipe deverá trazer um (01) bolo tema: 150 anos de Aracaju.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

7. Cada equipe deverá fazer uma paródia como tema 150 anos de Aracaju, apartir de uma música conhecida.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

8. Cada equipe deverá escolher quatro (04) Alunos para representarem a caracterização dos festejos juninos.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

9. Cada equipe deverá apresentar um clipe musical – forró.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

10. Tarefa surpresa.

1º lugar – 80 pontos; 2º lugar – 60 pontos; 3º lugar – 50 pontos; 4º lugar - 40 pontos.

O ENSINO DE ARTE/EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE